

MORDER DE VOLTA: RECURSOS SENSÍVEIS PARA TEMPOS DE TRANSIÇÃO

BITING BACK: SENSITIVE RESOURCES FOR TIMES OF TRANSITION

Brígida Moura Campbell Paes
UFMG
Tatyana Müller Soares
EBA-UFMG

Resumo

O trabalho insere-se no campo das artes visuais e investiga, a partir da articulação entre experiências pessoais, sonhos e referências teóricas, formas sensíveis de elaborar a angústia climática e existencial característica do nosso tempo. Tem como objetivo refletir sobre modos multiespécie de sobrevivência em tempos de colapso, explorando o imaginário onírico e da fantasia como recurso poético e político. Utiliza como método a prática artística autorreferente, associada à análise de autores como Donna Haraway, Anna Tsing, Carl Jung e Luiz Rufino. Os resultados incluem a criação de obras visuais que propõem relações de afeto e colaboração entre humanos e não-humanos, como no caso da figura do jacaré, animal presente no imaginário infantil de uma das autoras. Conclui-se que a convivência simbólica e a escuta dos sonhos possibilitam alternativas imaginativas de cuidado, resistência e reinvenção diante de um mundo em ruínas.

Palavras-chave:

Angústia climática; multiespécie; arte e ecologia; onírico; crise ambiental.

Abstract

This work is situated within the field of visual arts and investigates, through the articulation of personal experiences, dreams, and theoretical references, sensitive ways of processing the climatic and existential anguish characteristic of our time. Its aim is to reflect on multispecies modes of survival in times of collapse, exploring oneiric and fantastical imaginaries as poetic and political resources. The methodology is based on an autoreferential artistic practice, combined with the analysis of authors such as Donna Haraway, Anna Tsing, Carl Jung, and Luiz Rufino. The results include the creation of visual works that propose relationships of affection and collaboration between humans and non-humans, as in the case of the figure of the alligator, an animal present in the childhood imagination of one of the authors. It is concluded that symbolic coexistence and attentiveness to dreams enable imaginative alternatives of care, resistance, and reinvention in the face of a world in ruins.

Keywords:

Climate anxiety; multispecies; art and ecology; oneiric; environmental crisis.

Na infância, meu bicho papão era um grande jacaré que vivia debaixo da minha cama. Eu fui uma criança muito medrosa; não tocava no meu armário depois do anoitecer por medo das criaturas que nele se escondiam, só conseguia adormecer se tivesse pistas de que minha mãe estava por perto, ouvindo barulhos de louça sendo lavada ou conversas no telefone. Quanto mais claro e barulhento o ambiente, mais segura me sentia para dormir. Quando acordava no escuro no meio da noite, com sede, morria de medo de levantar para pegar água na cozinha, pois tinha certeza que, ao botar os pés no chão, os perderia para o jacaré enorme, malvado e faminto que vivia debaixo da minha cama. Não havia argumento que me convencesse de que ele não estaria lá. Minha mãe dizia: “Minha filha, como ele abre a porta do seu quarto para entrar aqui? Como ele some de manhã cedo e volta todo dia de madrugada sem a gente perceber?”. Nada adiantava, então, quando acordava com sede à noite, esperava até amanhecer para aliviá-la.

O problema da sede foi resolvido com uma garrafinha de água encaixada entre o colchão e a cama, e o bicho enorme e faminto aguardando pacientemente para me abocanhar foi se tornando menos ameaçador conforme os anos foram passando, logo se perdendo junto com outras memórias da infância. Já a angústia foi deslocada para outros lugares, como a ansiedade climática, que indica uma certa angústia e diversas preocupações com o futuro do planeta Terra, por conta das mudanças do clima causadas pelas emissões de carbono provocadas pela ação do homem capitalista. Minha adolescência foi marcada por longas dissociações, provocadas pela tentativa de conceber o tamanho do problema ambiental e social que enfrentávamos, crises de ansiedade e depressão enraizadas no medo.

No meu aniversário de 19 anos, em agosto de 2020, em momento de pandemia da Covid-19 e do governo Bolsonaro, o dia escureceu na cidade de São Paulo (onde morava na época) no horário do almoço; fuligem proveniente das grandes queimadas que aconteciam na floresta amazônica caía do céu como um confete mórbido.

Nesse momento de pandemia, passei a processar esses eventos estranhos e distópicos em relação à saúde coletiva e ao meio ambiente no mundo dos sonhos. Sonhava com enchentes e secas, animais em ataque, perda de partes do corpo, revoluções e guerras. Nunca antes essas narrativas me foram tão constantes e marcantes; parecia que o que não vivia na vida acordada compensava em dobro na dimensão onírica. Colecionei esses sonhos em diários, e hoje suas imagens são imprescindíveis ao meu fazer artístico.

Sonhei que assistia aula no cursinho, no fundo da sala, sem prestar muita atenção. Tentava, com o dedo, tirar uma comida que ficava entre meus molares, mas para minha surpresa, ao manusear o dente, arranquei-o como se tivesse mole, como na infância, sem dor. Me assustei, e percebi que mais quatro estavam moles, tirei no total cinco molares. Saí da aula e corri para a enfermaria. A enfermeira me falou: “Vai esperar na fila, meu anjo, tem gente bem pior do que você”. Percebi uma fila enorme para a enfermaria, com muitas pessoas, todas desdentadas segurando os dentes na mão. Decidi que meus cinco molares não eram de tanta importância assim. Peguei meu ônibus para voltar para casa, que naquele horário estava vazio. Sentada, olhava para os dentes brancos na minha mão (Soares, 2024).¹

Em *O homem e seus símbolos*, Carl Jung organiza seu pensamento em torno dos sonhos e símbolos, questões norteadoras de sua trajetória psicanalítica. No primeiro capítulo, o único escrito por ele mesmo, “Chegando ao inconsciente”, explica que o consciente nem sempre dá conta de absorver todos os acontecimentos e percepções, de modo que estes são então captados pelo inconsciente. Essa bagagem pode perpassar diferentes esferas dos sentidos humanos - instintos, heranças, reflexões profundas, lembranças há muito tempo esquecidas. Esse rico material muitas vezes se expressa quando sonhamos, se manifestando por meio de imagens simbólicas, um poder de sintetização de profundas e complexas lógicas em uma imagem que acompanha o desenvolvimento do pensamento humano desde o seu princípio.

O compartilhamento e a elaboração de sonhos podem ajudar os sonhadores a chegar em compreensões profundas e complexas sobre si mesmos e o coletivo, uma vez que ao sonhar lidamos com nossa própria condição, e as condições inerentes ao ser humano, por meio de sonhos arquetípicos (Jung, 1964, p. 66),² conteúdo de grande riqueza simbólica e psíquica, podendo inspirar criações artísticas ou descobertas científicas. O poder arquetípico das imagens dos sonhos, portanto, está por trás da elaboração de mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras, servindo como guias para compreender, evitar e metabolizar as grandes aflições da humanidade, como a guerra, a fome, a velhice, as doenças e a morte.

Assisti a um curso de Hanna Limulja, antropóloga brasileira, na plataforma da editora Ubu, responsável pela publicação de seu livro, *O desejo dos outros*, um estudo desenvolvido a partir do acompanhamento dos sonhos do povo Yanomami do Pya Ú, região que faz fronteira com a Venezuela, bem como da compreensão coletiva atribuída por eles aos símbolos e à importância do onírico. Sendo os sonhos amplamente compartilhados dentro da comunidade, os Yanomami cultivam a habilidade de sonhar através de outros pontos de vista, não só de si mesmos; são capazes de deslocar o “eu-sonhador” para um olhar terceiro, às vezes para o ponto de vista de uma árvore ou um animal. Limulja contou que Davi Kopenawa, xamã, líder político e escritor Yanomami, coloca essa habilidade como exclusiva do povo indígena, que não é imerso no culto à individualidade do mundo branco. Os sonhos são de suma importância cultural, e não se diferenciam, hierarquicamente, as vivências tidas no onírico do mundo acordado, havendo a compreensão de que os sonhos podem alertar e prevenir a comunidade de males futuros; quando alguém sonha com a morte de outro, por exemplo, é sinal para que esse outro se reserve naquele dia, evitando situações perigosas.

A autora relata que, ao perguntar sobre seus sonhos aos Yanomamis, muitos deles respondiam com histórias de sua própria mitologia. Ao perguntar sobre mitos, porém,

muitos respondiam falando sobre os sonhos que tiveram naquela noite. Percebeu assim o lugar comum que esses universos ocupam. Um não existe sem o outro, eles se alimentam mutuamente em um ciclo virtuoso que formula uma cosmovisão.

Os sonhos inseridos ao longo deste ensaio estabelecem relações, através dos desenhos relacionados a eles, com as perspectivas previamente apresentadas, de Jung, bem como aquelas advindas da mitologia Yanomami. Eles participam da elaboração que aqui apresento em um lugar subjetivo, demonstrando as maneiras como são incorporados no meu processo de pesquisa.

Voltando ao momento estranho da pandemia, mas muito rico em vivências oníricas, a vida seguia como podia; estudava na época para o Enem pela segunda vez. Eu relia meus cadernos do Ensino Médio e cursinho procurando dicas para o estudo. Não havia tantas informações úteis ao processo ali, mas sim muitos desenhos. Observei rabiscos repetidos de jacarés, com sua pele escamosa, seus dentes, padrões que eram divertidos de desenhar. E em um caderno de anotações, um desenho mais cuidadoso de uma menina pequena bebendo água ao lado, novamente, de um jacaré. Lembro de tê-la feito em aula. Ela tinha um cabelo de “tigelinha”, como eu tive na minha infância.



Figura 1 - Tatyana Müller Soares, desenho de caderno. 31x20,5 cm.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Essa imagem que produzi em momento de desatenção me pegou de surpresa, pois a cena ressoava com familiaridade. Aos poucos fui lembrando do meu bicho-papão; recordei da sede que sentia por causa do medo.

Fiquei extremamente satisfeita com a resolução que tinha encontrado nela: a criança bebia água ao lado do seu pesadelo. Esse drama havia se resolvido sem que eu tivesse me dado conta.

Repliquei esse desenho em um papel grande, dessa vez com a consciência de que fazia um autorretrato. Cortei também uma janela no desenho, para que eu pudesse espiar a cena.



Figura 2 - Tatyana Müller Soares, *Não apaga a luz, mãe!* (2020). Lápis de cor aquarelável e tinta acrílica sobre papel, 121 x 62 cm.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.



Figura 3 - Tatyana Müller Soares, *Não apaga a luz, mãe!* (2020). Lápis de cor aquarelável e tinta acrílica sobre papel, 121 x 62 cm.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Analisando a linguagem que desenvolvo, observamos uma relação simbólica construída a partir da interação de dois corpos: o humano e o jacaré. Essa interação não é muito comum, pois as relações humano-animal nas cidades se dá em geral com os cachorros, gatos, pombos, ratos, baratas e outros insetos; ocasionalmente, papagaios, bois, porcos e galinhas. Essa relação heterodoxa exhibe uma quebra da normalidade no cenário urbano ao qual pertencço, e que me interessa para conduzir esta narrativa.

Donna Haraway, uma referência interessante para tratar de interações entre espécies, faz ciência-poesia. Filósofa e zoóloga estadunidense, ela é autora do livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2023), livro denso e delicioso como uma refeição tão abundante em gordura boa e sabor que não aguentamos comer tudo de uma vez, mas sacia grandes fomes intelectuais e políticas. Nele, a autora analisa circunstâncias em que a colaboração multiespécie é essencial para a sobrevivência aos novos tempos e criação de novos mundos, trazendo perspectivas interessantes sobre as relações escondidas pela tecnologia e pela burocracia do “mundo civilizado” entre diferentes seres habitantes da Terra, ou *Terrapolis*: um

lugar fértil para a criação de companheiros inusitados. Assim Haraway contextualiza de onde fala (Terrápolis), e por quem fala (esses companheiros).

A autora introduz novas terminologias para tratar do turvo momento atual (2015- 2026, diante do agravamento da crise climática). No título *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*, a ideia de “ficar” consiste em experimentar a presença diante de demandas que nos puxam a procurar sintomas no passado e certezas no futuro. Quanto ao problema, pertinente ao que ameaça as diversas formas de vida no planeta hoje, ela pontua duas grandes posturas tomadas frente a eles: há aqueles que acreditam cegamente no *tecnossolucionismo*, ou seja, que as graças da tecnologia ou de Deus (equivalente nesse sentimento) irão, ao 45 minutos do segundo tempo, graciosamente salvar suas “criaturas travessas, mas muito espertas!” (Haraway, 2023, p. 16); e, do outro lado do espectro de sentimentos, temos os cientistas e estudiosos, sérios em sua conduta e visão de mundo, que, embora possam trabalhar arduamente para reverter a situação, acreditam que o fim está próximo. Esta segunda opção é mais difícil de contornar e pouco nos encoraja para que continuemos trabalhando e brincando em prol de um mundo mais justo e harmonioso para os seres que o habitam. Propõe então a autora outra saída:

Este livro argumenta e tenta demonstrar que ficar com o problema, evitando o futurismo, é algo bem mais sério e mais vivaz. Ficar com o problema requer estabelecer parentescos estranhos; isto é, precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em amontoados quentes de composto. Devir-com reciprocamente, ou não devir em absoluto (Haraway, 2023, p. 17).

Fazer parentes, por sua vez, trata da necessidade de estabelecer laços e olhar com atenção para as possibilidades de relação entre seres animais humanos e não humanos, para colaborações em tempos inéditos. Essas relações podem ser criadas ou simplesmente percebidas.

Se pensarmos em relações criadas, Haraway conta alguns casos: nos anos 1960, uma jovem primatologista branca estadunidense, chamada Alison Jolly, se apaixonou pelos divertidos e travessos lêmures, do sul da ilha de Madagascar. Esse afeto a levou à ilha, e esse amor se estendeu aos complexos povos e ecossistemas ali presentes. Percebeu então que essa paixão de 360 graus, por ambos os universos, poderia ser controversa, uma vez que as comunidades rurais agricultoras tinham uma relação complexa com a floresta, cometendo pequenos incêndios para abrir clareiras e plantar alimentos. A população local não tinha grande apreço pela mata e suas criaturas; não compreendiam o fascínio dos estrangeiros pela paisagem. Jolly, consciente da sua capacidade colonizadora, por conta de sua cor e sua cultura, prestou muita atenção para estabelecer uma relação harmoniosa com a população local e aprendeu sobre os métodos de agricultura que utilizavam, o *tavy*.³ Em pequena escala, as queimadas já foram muito benéficas à floresta, ajudando a manter sua biodiversidade por enriquecer o solo. Porém, com maior pressão demográfica sobre as florestas, por conta de uma complexa história de violência governamental e colonial sobre os povos, promovendo remoções forçadas, privatizações e supressões violentas, essas queimadas se tornaram prejudiciais e ameaçavam a vida nas florestas, para todos os seres, inclusive humanos, que dependem dela para outros recursos.

Muitas ações foram tomadas visando à resolução dos conflitos por parte de pesquisadores, ONGs e ativistas, e uma delas foi a criação do projeto Ako: uma série de livros infantis desenvolvidos por Jolly, Deborah Ross (ilustradora) e Hantanirina Rasamimanana (bióloga), acompanhando as aventuras de jovens lêmures de diferentes espécies, explorando seus habitats naturais e suas organizações sociais de maneira educativa e vibrante, escritos em inglês e malgaxe. Os livros foram publicados pela Lemur Conservation Foundation dos Estados Unidos e pela Unicef em Madagascar, e foram distribuídos para jovens e professores burlando a burocracia do sistema educacional precarizado do país.

Muitos malgaxes nunca tinham visto um lêmure, e aqueles (poucos) com acesso à escolarização aprendiam sobre criaturas francesas por conta do regime escolar colonizado. Projetos como Ako são capazes de criar laços entre espécies através da arte, por incentivar a curiosidade e a compaixão mobilizadora que os seres humanos são capazes de desenvolver por outros seres, criando a capacidade de enxergar beleza e valor onde antes não havia essa percepção.

Essa e outras iniciativas criaram em Madagascar uma geração de cientistas de conservação e pesquisa nativos, onde antes havia apenas estrangeiros. A valorização da floresta e seus seres é hoje de interesse dos malgaxes, o que transforma todo o cenário da conservação das matas e dos bichos na região.

Sonhei que morava em uma Cohab. Estava tratando um câncer, fazendo quimioterapia, que consistia em bombear meu estômago. Por isso, estava muito fraca e reclusa, sem participar de muitas atividades coletivas. Quando o tratamento acabou, uma colega tirou minhas cartas de tarô e fez uma leitura muito reveladora, que me inspirou a incorporar um gato preto. Comecei, em forma de gato, a invadir os presídios, que ficavam no último andar de cada prédio da Cohab, facilitada por uma amiga, que era segurança. Fazia um carinho felino nos presidiários, passando a noite lá, trazendo motivo de festa e alegria para uma população sem fé e deprimida. Fazia isso toda noite e voltava para casa de manhã. Em forma de gente, fui questionada pelas autoridades da Cohab, me acusando de incitar uma rebelião. Parece que eu tinha provocado um movimento de gatos, todos visitando os presidiários. Essa ação tinha possibilitado a articulação entre os presos, através de mensagens enviadas pelos animais, que resultaram no escape de alguns presos políticos. O meu julgamento corria, e com um sorriso sádico no rosto, o juiz me condenou a cinco anos de prisão (que me deixou bastante chocada, porque geralmente me safo das coisas) (Soares, 2024).

Tratando de relações percebidas - que existem na estrutura social, mas são despercebidas -, Haraway conta outro caso: sua cadela Cayenne, idosa e com problemas de coração, passou a tomar, para o espanto de sua tutora, uma pequena dose de estrogênio sintético

chamado DES (dietilestilbestrol) para controlar problemas de incontinência urinária. O espanto se deu porque esse hormônio há muito tempo havia caído em desuso para seres humanos, por conta de experiências tenebrosas vividas por mulheres: entre os anos 1940 e 1970, o DES era prescrito para grávidas com a finalidade de evitar abortos naturais, embora tenha sido comprovada a ineficácia do hormônio para essa finalidade, além de estudos que ligavam o seu uso, também por mulheres, a casos de adenocarcinomas⁴ de células claras vaginais.

Foi através de muita luta por parte das feministas em prol do direito à saúde da mulher, e da criação de órgãos públicos reguladores de mercadoria, como o *Food and Drug Administration* (FDA), que o uso do medicamento foi restringido, e finalmente eliminado no final dos anos 1990, hoje sendo conseguido apenas através de farmácias de manipulação. O hormônio foi sintetizado em laboratório pela primeira vez em 1938. Naquela época, era comum pesquisadores varrerem o chão de abatedouros à procura de rins, ovários, pâncreas, hipófises, testículos, entre outros. Esses restos de animais abatidos eram examinados em laboratórios, sendo extraídos de lá os primeiros exemplares dos hormônios que seriam então industrializados, o que, em primeiro momento, foi utilizado para estimular o crescimento hormonal em bovinos pela indústria agropecuária, que conhecidamente destrói paisagens.

Nessa história, misturamos o sofrimento vivenciado por terras e diferentes mamíferos, majoritariamente fêmeas, promovido em prol do lucro de indústrias. As complexas teias de dependência entre espécies que construímos impossibilitam que separemos os participantes em colaboração (voluntária ou não). Vivemos sistemas antigos e moralmente complexos, partes da multifacetada colcha de retalhos de relações, via exploração ou interdependência, que compõem o tecido social das diferentes sociedades, humanas ou não.

Finalmente, olhamos para o Chthluceno, palavra de difícil pronúncia que gera curiosidade sobre o título do livro e é composta por duas raízes gregas: *kthôn* e *kainos*. *Kainos* significa *agora*,

e *khthôn* são seres da Terra: seres cheios de tentáculos, dedos, caudas, pelos e patas. São misturas de muitos bichos, longe de serem seres humanos. Haraway questiona, com o Chthluceno, termos como o Antropoceno: reivindica a necessidade de incorporar o presente, mas sem esquecer da colaboração multiespécie que foi necessária para que o ser humano desenvolvesse seus mundos; na densidade no presente, o que resta é a coexistência.

Na interação pouco convencional de troca entre mulher e jacaré, a relação é tanto “criada” quanto “percebida”. Criada porque na imagem ocorre a justaposição de dois participantes estranhos, que não têm relação costumeira entre si. Contudo, igualmente percebida, porque essas espécies são companheiras em confabulação... Sonhar e temer o jacaré é o elo que permite que essa imagem seja transcrita do imaginário para o trabalho artístico.

Dessa maneira, tomo consciência, através da imagem, de uma relação já existente no espaço relacional das ideias, símbolos e imagens, entre mim e o jacaré. A obra de arte explicita um encontro antigo e angustiante que permeia o meu imaginário há muitos anos: nos meus medos de criança, o jacaré aguardava a noite inteira debaixo da minha cama o meu vacilo de pôr os pés no chão para abocanhá-los e engoli-los, e, depois, o resto do meu corpo. No ato de retratar, é possível tomar consciência dessa velha relação através dessa linguagem materializadora que é a imagem.

Explicitar essa relação imaginária através da pintura me possibilita questionar: é possível estabelecer colaboração através de uma convivência simbólica? Ou seja, pensar como nos relacionamos com outros seres no âmbito dos símbolos, das imagens e do onírico nos permite reformular modos de seguir juntos através de colaborações multiespécies em tempos ameaçadores?

Aniela Jaffé, psicóloga que frequentemente trabalhava com Jung, contextualiza o uso e a história dos símbolos nas artes visuais em um dos capítulos de *O homem e seus símbolos* (2019). A capacidade do ser humano de desenvolver símbolos através de imagens é

muito antiga, sendo ela uma parceira essencial para o desenvolvimento de sua compreensão de mundo através da expressão de sentimentos religiosos e observações sobre o funcionamento da vida pela arte. O símbolo é encarregado de retratar lógicas que fogem das palavras ou que não cabem dentro dos perímetros da razão; retrata conhecimentos e ideias condensadas em imagens, com profundas elaborações que muitas vezes passam despercebidas pelo domínio do consciente. Além disso, é uma ferramenta utilizada para o desenvolvimento da arte, cultura e filosofia, o coração de grandes sociedades.

A presença de animais como símbolos é antiga nas expressões visuais feitas pelo ser humano, observadas já nas paredes de cavernas. Por todo mundo podemos ver desenhos e pinturas rupestres de cenas de caça que retratam ursos, cavalos, cervos e outros animais. Interpretase que a crença da época era de que, ao cometer um massacre simbólico, o mesmo deveria acontecer com o animal verdadeiro, misturando sentimentos primitivos de arte e religião. O que acontece com a pintura, entendia-se, deve acontecer com o original: havia forte identificação do ser vivo com sua imagem, considerada a alma daquele ser. Sobre a presença contínua do animal nas artes visuais, Jaffé contextualiza:

A profusão de símbolos animais na religião e na arte de todos os tempos não acentua apenas a importância do símbolo: mostra também o quanto é vital para o homem integrar em sua vida o conteúdo psíquico do símbolo, isto é, o instinto. O animal em si não é bom nem mau; é parte da natureza e não pode desejar nada que não pertença a ela. Em outras palavras, ele obedece a seus instintos. Esses por vezes nos parecem misteriosos, mas guardam correlação com a vida humana: o fundamento da natureza humana é o instinto (Jaffé, 1964, p. 239).

O ser humano é o único animal capaz de controlar o instinto, e assim pode reprimi-lo, feri-lo, distorcê-lo. Ao olhar para outros seres, é possível perceber outras maneiras de viver esses sentidos.

Olhando para a natureza das relações multiespécie que existem nessa esfera da sensibilidade humana e que compõem as histórias, os sonhos e as imagens, é possível perceber e reformular ciclos virtuosos ou viciosos que estabelecemos com outros seres para melhor encarar os problemas de determinadas conjunturas. A arte, por meio das imagens que produz e dissemina, apresenta aspectos do pensamento humano que não cabem em outras linguagens e, através delas, é possível compreender o modo como nossa sensibilidade depende dessas relações multiespécies para nossa própria autocompreensão, de nossas formas, forças e fraquezas. É apenas possível compreender certos aspectos de si próprio ao visualizar-se o outro. Então, ao pensar nas maneiras como se dão as relações multiespécies nas histórias que contamos, é possível oferecer pequenas miradas de como podemos criar parcerias com outros seres para pensar novas possibilidades de vida na Terra. Afinal, é de suma importância avaliar “quais ideias usamos para pensar outras ideias” (Haraway, 2023, p. 29).

Nos trabalhos que desenvolvi, por exemplo, um componente ameaça a vida do outro; o jacaré ameaça a vida da mulher, pela natureza de seu corpo, seu tamanho e sua força incomparável. A mulher, por sua vez, ameaça o jacaré, por pertencer à espécie que continuamente danifica ambientes de outros seres e viola seus habitats. Esse cenário é novo e assustador para ambos os participantes. Mesmo assim, eles permanecem juntos com tranquilidade na imagem composta, tensionando ideias preexistentes de como se dá a relação humana com animais de natureza tão distinta.

Quando me interessei em assumir a imagem do jacaré, ele tinha uma conotação muito clara: no momento em que curei no desenho uma angústia infantil, passei a questionar de quais outras maneiras esse enorme animal poderia ser utilizado para refletir sobre outras angústias. Relativo a esse sentimento, a psicanalista e professora Maria Homem cita Lacan em seu vídeo *A importância da angústia*: “A angústia é o único afeto que não mente” (Homem, 2020).

Ela aponta que a angústia aparece como reação quando o desejo mais radical é ameaçado, sendo importante localizar essa dor para compreender qual é seu oposto. Por isso, é importante sustentar, quando for possível, o sofrimento psíquico da angústia, pois é através dela que é possível surgir o que é capaz de combater a mesma, podendo revelar um novo sentido e um novo estado de ser.



Figura 4 - *Jacaré está onde não deve* (2022), de Tatyana Müller Soares. Tinta lastex sobre americano cru, 103x 71 cm.

Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Anna Tsing, colega de Donna Haraway em fazer ciência-poesia, em *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins* [O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida em ruínas capitalistas] (2015), argumenta que o fim do mundo já é uma realidade material para a vida na Terra. Trazendo para a realidade brasileira, essa percepção chega a ser redundante para alguns. Por exemplo: Belo Horizonte, uma cidade construída sobre rios, enfrenta frequentes faltas de água para a população durante os meses quentes e os meses secos, fenômeno recente dos últimos anos; em 2024, o Rio Grande do Sul viveu uma enchente histórica que atingiu 471 cidades (Um mês..., 2024). A ocorrência desse tipo de desastre vem aumentando ao redor do mundo, e tem afetado, desproporcionalmente, as populações mais vulneráveis.⁵ Para outras populações, essa realidade é ainda mais antiga, como no caso dos povos indígenas das Américas, que

sofrem com o contato com os brancos desde o início do processo de colonização, cujo impacto massacrou a população, reduzindo-a a números ínfimos. Para esses povos, não há novidades no anseio contemporâneo pelo “fim do mundo”.

Sonhei que amigas de infância vinham me visitar em uma Belo Horizonte destruída e árida. As recebi em casa com um almoço. Refogava quiabos, mas não tinha carne. Com um certo desconforto, mas sem dor, tirei metade do meu seio direito, que não sangrou e cicatrizou imediatamente. A carne era branca e gordurosa, e a selei na frigideira, oferecendo-a para minhas hóspedes que, com uma cara de nojo e horror, recusaram a comida. Fiquei desesperada com essa recusa, com medo de que meu peito não cresceria de volta nunca mais (Soares, 2024).⁶

Tsing aponta possibilidades de vida e um cenário de ruína através de uma história ampla, que liga a destruição ambiental, colonização, culinária, cultura, o lazer, os refugiados de guerra do leste asiático e outras populações dissidentes na costa oeste dos Estados Unidos a modos alternativos de fazer economia, colaborações multiespécies, funcionamentos dos fungos, poesia, entre muitos outros lados de um caleidoscópio de realidades apenas possível em contexto de capitalismo tardio, possibilidades de vida em um cenário de ruína (Tsing, 2015). Esses aspectos convergem para demonstrar as infinitas possibilidades de vida que persistem, ainda que precárias e resultantes da precariedade.

A narrativa de Tsing, extensa em termos de assunto e território, caminha com o cogumelo Matsutake; seu perfil de sabor forte e específico é uma iguaria no Japão, comumente dada de presente para comemorar o fechamento de novos negócios. O cogumelo, pertencente ao reino fungi, é uma das formas de vida mais antigas conhecidas na terra; sua principal função é decompor matéria orgânica, transformando-a em terra. Assim, ele se faz presente nas horas mais inusitadas - é uma constante dentro da inconstância, pois sempre há matéria orgânica para decompor. Ao caminhar por uma floresta, é possível notá-

los em qualquer circunstância.

Em um momento de pós-guerra do Vietnã, observou-se uma onda de migrações do leste-asiático para os Estados Unidos em busca de cenários que não foram assolados pelo conflito. Muitos, porém, sem domínio da língua, encontraram uma realidade de subsistência e trabalhos precarizados na Costa Oeste. À procura de renda e lazer, os imigrantes resgataram a atividade cultural de suas terras de procurar por cogumelos nas florestas. Nas florestas de Pinha, paisagens alteradas pela ação da extração de madeira, cresce o Matsutake, que por causa do descarte de madeiras e resíduos orgânicos gerados pela atividade madeireira crescem bem. A coleta de Matsutake como atividade econômica foi adotada não só por imigrantes, mas por veteranos norte-americanos debilitados pela guerra e outros grupos sociais incapazes ou desinteressados em trabalhar no sistema vigente.

Esse cenário, que mistura paisagens danificadas e populações imigrantes e dissidentes, abre o caminho para a criação de um complexo sistema especulativo que supre demandas de mercado internacionais do Matsutake: fornece oportunidade de sobrevivência através de um mercado marginalizado com novas regras e novos beneficentes, criado com autonomia e sem visar à acumulação de capital. Coletar cogumelos educa novas gerações de filhos de imigrantes, culturalmente deslocados, a valorizar a floresta e o conhecimento de seus parentes estrangeiros, alimentando ideias de outros modos de viver a vida além do neoliberalismo dissonante da cultura norte-americana.

Esse sistema cria renda, cultura, lazer e autonomia a partir da precariedade. Anna Tsing explora esse tema com profundidade, explorando o perfil dos coletores, o funcionamento do universo fungi, a tradição culinária, a história por trás da história e a maneira como a colaboração entre o ser humano, a paisagem e o fungi está caminhando.

Tudo nos leva a questionar o *modus operandi* do progresso. Porém, cultivando a capacidade do olhar, é possível distinguir nas ruínas que

ele produz a vida presente, acessível apenas para quem pode enxergá-la. E assim se dará nossa sobrevivência aos novos tempos: a partir de novas maneiras de contar histórias, novas danças entre espécies nessa paisagem alterada. Essa colaboração é necessária para sobreviver e dismantelar um sistema que cria ruínas.

Assim, proponho uma dança com o meu “jacaré-bicho-papão”. Permito que ele, malvado e faminto, finalmente me engula depois de tantos anos de aguardo, acumulando saliva ácida em sua boca. Acredito que talvez, assim, encontraremos juntos uma resposta multiespécie para essa angústia climática, esse medo do futuro, e talvez até mesmo encontremos juntos uma postura interessante para manter diante de um sistema em colapso, e para formular respostas coletivas que alimentem mais a pulsão de vida do que a pulsão de morte. Uma vez que esse colapso é uma realidade material, no equivalente simbólico, o jacaré já fez seu banquete de carne de menina.

Para esse trabalho, proponho analisar com maior coerência em relação às condições da minha vida a maneira como essa angústia se daria. Pesquisei então o jacaré mais comum no estado de Minas Gerais, onde moro, sendo ele então o mais provável de me devorar por questão de proximidade. O jacaré-de-papo-amarelo pode medir até 3,5 metros da cabeça

à cauda, porém, possui um tamanho médio entre 1,5 e 2 metros (Dichoff, 2017). Faço um desenho em papel pardo com um jacaré de três metros, pois seria preciso ser um animal grande para que meu corpo de 1,67m e 54 quilos coubesse dentro do seu.



Figura 5 - Tatyana Müller Soares desenhando e pintando o molde do jacaré. Fotografia de Gustavo Ferreira.

Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.



Figuras 6, 7 e 8 - Tatyana Müller Soares em ensaio para *Gestação/Digestão*. Fotoperformance. Fotografia de Gustavo Ferreira.

Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Em seguida, recortei o molde e me posicionei dentro do jacaré, procurando uma maneira de manter todo o meu corpo dentro dos limites do seu. Utilizaria essas imagens como referência para a pintura em tamanho real. Analisando as imagens abaixo, é possível concluir que meu corpo quase não coube no espaço designado, se excedendo para as extremidades como a cabeça, a cauda e as pernas. Acredito que a chance dele me devorar inteira é pequena, pois teria uma bela dor de barriga e teria de ficar parado por alguns meses até me digerir por completo.

Fiz um molde do meu corpo, utilizando uma regra de três entre as medidas nas imagens e as minhas medidas reais, chegando em um resultado parecido com o meu tamanho.



Figura 9 - Moldes para pintura de Tatyana Müller Soares. Papel pardo sobre parede.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Utilizando o molde e as fotografias como referências, fiz uma pintura em acrílica de um dos moldes, tentando manter fidelidade às cores e aos tamanhos reais. Pinte-a sobre tecido de algodão cru, preparado apenas nos perímetros do corpo, para manter a imagem

o mais simples possível. Achei também que o americano cru intocado poderia remeter à ideia de um lençol, fazendo referência então à cama, lugar em que sonhamos e sentimos medo do escuro.



Figura 10 - Processo de pintura de camada inferior de Tatyana Müller Soares. Registro fotográfico de processo de pintura com tinta acrílica sobre tecido americano cru.

Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Pinte em voil um jacaré nas proporções devidas para me devorar. Utilizei tinta óleo para produzir uma monotipia por conta do vazamento da tinta, inevitável ao utilizar voil como suporte. Assim, de um trabalho, nasceram dois: o voil do animal sobre o corpo, e o resíduo do mesmo.



Figura 11 - Processo de pintura de Tatyana Müller Soares. Registro fotográfico. Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.



Figura 12 - Monotipia residual de pintura a óleo, de Tatyana Müller Soares. Registro fotográfico, 2,5x1,5m. Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.



Figura 13 - *Gestação/Digestão*, de Tatyana Müller Soares. Óleo sobre voil sobreposto de acrílica sobre tecido americano cru. 2,5x1,5m.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

Pendurei o voil com algum centímetro à frente do corpo pintado para que a natureza transparente da pintura se destacasse mais. Vista de frente, a pintura em acrílica é percebida em um segundo momento, e se comporta quase como uma sombra do jacaré. Dentro de seu ventre, a figura parece estar sendo digerida, mas, ao mesmo tempo, remete à uma gestação. Chamei a obra de *Gestação/Digestão*.

Na 34ª Bienal de São Paulo, que teve o tema *Faz escuro mas eu canto*, em 2021, foi exposta uma obra para mim muito marcante. A obra de Alfredo Jaar, intitulada *Claro Escuro*, em letreiro verde, apresenta uma frase: “O velho mundo está morrendo. O novo demora a nascer. Nesse claro-escuro, surgem os monstros.”



Figura 14 - *Claro Escuro*, de Alfredo Jaar. Letreiro.
Fonte: Fundação..., 2021.

A frase de Antônio Gramsci, presente na obra, ilustra com poesia e precisão o sentimento perturbador que permeia a contemporaneidade. Esse claro e escuro, um lugar ambíguo de transição, tensionando os imaginários de futuro entre utopias e distopias, me lembra a tensão do gestar e digerir na obra que criei. Nesse momento de ambiguidade, não se sabe se o corpo será lentamente desfeito pelos sucos gástricos do animal, ou se é um embrião de uma gestação antropozoomórfica que está prestes a nascer. Acredito que então é possível pousar os seguintes questionamentos: como a angústia é capaz de me gestar? Como permitir que esse estado de desconforto seja capaz de dar à luz a algo melhor e maior do que ela mesma?

Sonhei que me mudei para uma cidade nova, que era suja e feia. Morava numa república e lá tinha um quarto pequeno como um DCE. Junto comigo, moravam amigas da minha adolescência em outros quartos. Na porta da república, chegou um vendedor que vendia coisas belas e refinadas, joias e frutas perfeitas. Me fascinei por suas romãs vermelhas e redondas com sementes suculentas. O vendedor me falou que me venderia todas elas por vinte e cinco mil reais, e uma individualmente custava cinco. Eu não tinha a menor noção do que significava esse valor, pois não conhecia aquela moeda, então pedi o dinheiro emprestado para minha vizinha de quarto. Enquanto pagava, o homem me contava sobre sua situação de vida difícil, e de repente a rua começou a inundar de água do mar; a maré enchia muito e vazava, em movimento contínuo. Toda vez que a maré enchia, ela subia mais, a ponto de cobrir o meu corpo. Corri para dentro de

casa para pegar meus documentos, e salvar o que podia das minhas coisas, mas quando cheguei no meu quarto, ele estava seco, grande, bonito e organizado. Sentada num banco no canto do quarto, havia uma menina, e logo avistei seu pai a acompanhando. Informaram-me que iriam morar ali comigo, notícia que me trouxe muita alegria. Abri uma porta que havia aparecido no canto do quarto, e eu, a criança e o homem seguimos um longo corredor, até chegarmos num jardim muito florido e cheio de vida. Assim, fiquei calma e contente (Soares, 2024).

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino em *Encantamento: sobre política de vida* (2020) trazem interessantes perspectivas quanto ao combate às políticas mórbidas de nossos tempos através de ensinamentos sobre maneiras de viver tradicionais e ancestrais dos povos negros e indígenas, as quais não condizem com a destrutiva lógica do progresso. O encantamento, modo de vida que mora nas juntas entre vida e a poesia, entre o visível e o invisível, chamam a arte, os espíritos e a natureza para combater a linearidade cega do sistema dominante, que derruba florestas, mata e tortura as gentes em nome da acumulação - modo de vida que nomeiam como "desencanto".

O encantamento abrange outras dimensões da vida e ocupa os espaços descartados ou renegados pelo progresso; compreende a abertura de espaço através da metabolização da dor e do respeito ao luto em nome da compreensão da continuidade da vida; rejeita a dicotomia do vivo e do morto; não faz juízo de valor entre o grande e o pequeno, e sim compreende que todas as coisas existem em um contexto e dependem umas das outras para se estruturarem. Assim, o encantamento dribla lógicas de valorização do capital e desassocia formas de funções, as quais limitam a vida a sentidos produtivistas. O encantamento liberta o ser humano para ser bicho, vento, terra e mato. "O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado" (Simas; Rufino, 2020, p. 41).

Simas e Rufino consideram viver a constante artimanha que consiste em dançar entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível.

Esse exercício de escuta multidimensional se apresenta nas teorias de Haraway e Tsing, que procuram finas linhas de colaboração em um mundo caótico e muitas vezes mórbido. Essa habilidade de percepção estimula respostas, estabelecendo conversas entre diferentes formas de vida de maneira desconhecida pelo mundo desencantado. Haraway argumenta sobre a necessidade de estabelecer "parentescos estranhos" (Haraway, 2023, p. 14), e Simas e Rufino discorrem sobre as amplas conversas entre os caboclos e a mata, relação da qual nasce a encantaria.

A partir desse espaço ampliado pela observação das linguagem sutis do mundo, é possível entrar em contato com uma dimensão de circularidade achatada pelas lógicas do desencanto: "Um mundo obcecado pela linearidade e pelo desenvolvimento que explora a natureza como mero recurso e enxerga na métrica do humano a semelhança com o divino está fadado a se perder na circularidade da existência" (Simas; Rufino, 2020, p. 43). Compreende-se que, dentro dessa perspectiva, o contrário da vida não é a morte, e sim o desencanto. Nessa lógica de vida, a morte toma uma parte essencial dessa dança cósmica do viver, guiando a matéria a transformações obrigatórias para a manutenção da própria vida. O desencanto, por sua vez, pasteuriza a magia de estar vivo; resume a existência ao utilitário, "moral" e ao lucro. A resistência se dá então a um sistema de mortandade, que extrai a vivacidade do que é vivo. Essa força poderá apenas ser combatida através do cultivo dessa mesma pulsação, que não se permite ser abreviada ou organizada dentro de qualquer lógica produtivista.

Enquanto elaborava esta pesquisa, tive um sonho com meu companheiro de angústias e respostas, que pensa junto comigo em momentos de aflição: o jacaré.

Sonhei que estava na pensão que morei quando tinha quatorze anos. De fora, assistia a enchente de um rio barroso. Nesse rio de água escuras, nadavam pessoas e jacarés, mas não conseguia diferenciar quem era bicho e quem era gente. Nadavam juntos em harmonia (Soares, 2024).



Figura 15 - *Vazão*, de Tatyana Müller Soares (2024). Acrílica sobre tela, 100x60 cm.
Fonte: Acervo pessoal de Tatyana Müller Soares.

As imagens trazidas pelos sonhos me ajudam a abrir espaços nas narrativas que achatam a vida nesses tempos. Assim, consigo elaborar o mundo externo com uma pitada de encantamento, como propõe Simas e Rufino. Converso através dos sonhos com outros seres e paisagens, e faço perguntas sobre como eles encaram esses desafios que nos ameaçam. Os gatos pretos, por exemplo, sugerem atos de rebeldia contra sistemas vigentes em forma de amor, demonstram a possibilidade poderosa de fazer aliados inusitados. Os jardins oferecem acalanto e tranquilidade em um mundo turbulento e perigoso, regado de desastres. Muitos outros seres vêm e vão nas imagens do meu subconsciente e, sempre que posso, lhes dou a atenção que merecem. É assim que tem se dado minha escuta das linguagens sutis, e minha forma de desenvolver respostas multiespécie.

Os medos de destruição e desastres do mundo desencantado corroem meu tempo e minha saúde, mas os sonhos trazem seres ora combativos, ora em harmonia para enfrentá-los; libertos para nadar, seres humanos e jacarés confluem juntos em paisagens do nosso tempo. Minha convivência simbólica e onírica com esse animal, que me acompanha desde a infância, continua mostrando novas faces, adicionando novos ângulos para as perguntas e respostas acerca de como viver em um mundo em transição.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Comunicação Social. Presidência da República. O que é racismo ambiental e de que forma ele impacta populações mais vulneráveis. **Portal Gov.br**. Brasília, DF, 16 de janeiro de 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake/noticias/2024/o-que-e-racismo-ambiental-e-de-que-forma-impacta-populacoes-mais-vulneraveis>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DICHOFF, Nicoli. Conheça o jacaré-de-papo-amarelo. **Portal Embrapa**, 4 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/25725862/conheca-o-jacare-de-papo-amarelo>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. 1. ed. São Paulo: N1-edições, 2023.

JUNG, Carl G.; FREEMAN, John; FRANZ, M. L. von; HENDERSON, Joseph L.; JACOBI, Jolande; JAFFÉ, Aniela. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2022.

HOMEM, Maria. A importância da angústia | Casa do Saber. **Youtube**, 16 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e90yEMC25YE>>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins**. 1. ed. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

UM MÊS de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. **G1 - RS**. Globo Comunicação e Participações

S.A, 29 de maio de 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>>. Acesso em: 5 jun. 2024.

Exposição de arte

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. 34ª Bienal de São Paulo - Faz escuro mas eu canto. **Alfredo Jaar - Lamento das Imagens** [exposição]. 28 ago - 5 dez. 2021. Sesc Pompeia. Curadoria de Moacir dos Anjos. São Paulo: Fundação Bienal, 2021. Disponível em: <<http://34.bienal.org.br/exposicoes/7455>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Documento manuscrito

SOARES, Tatyana Müller. **Diário de sonhos**. Belo Horizonte, 2024. Manuscrito não publicado.

Notas

¹ Esta e outras inserções que virão ao longo do texto advém de um diário escrito por Tatyana Müller Soares, uma das autoras deste texto, produzido entre 2020 e 2024.

² O arquétipo, segundo Jung, se trata de imagens inatas e herdadas pela humanidade. Da mesma maneira que as aves não conversam sobre a direção para a qual vão voar, mas mesmo assim sincronizam seu voo, o ser humano é capaz de formular imagens comuns em todo contexto cultural e temporal, sendo essas tidas como “imagens primordiais” (Jung, 1964, p. 66).

³ Método de agricultura tradicional comum em Madagascar que consiste em desmatar ou incendiar pequenas áreas florestais para o cultivo de arroz, mandioca e outros alimentos.

⁴ O adenocarcinoma é um tumor maligno que pode atingir o intestino, o estômago, a próstata, os pulmões, a mama, o útero e o pâncreas, possuindo origem nas células glandulares.

⁵ Racismo ambiental, de acordo com a Secretaria de Comunicação Social do governo brasileiro, é constituído por injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre etnias e populações mais vulneráveis (Brasil, 2024).

⁶ Quando me mudei para o apartamento em que moro atualmente, no bairro Colégio Batista, em Belo Horizonte, em 2022, observei uma cratera feita pela mineração do outro lado da cidade pela janela do meu quarto. Em 2024, é possível perceber que a cratera aumentou muito. Compreendo esse

sonho, que se passa em uma Belo Horizonte mais árida do que já é, como uma analogia à perda da montanha que poderia um dia ser vista da minha janela pela aproximação das imagens da paisagem montanhosa com o a do seio; retirar a paisagem é como retirar uma parte do próprio corpo que nunca mais irá se recompor.

SOBRE AS AUTORAS

Brígida Moura Campbell Paes é professora de Artes Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Artes Visuais (UFMG) e doutora em Artes (ECA-USP). É artista e pesquisadora investigando relações entre arte e cidade, trabalho coletivo e práticas socialmente engajadas, dedicando-se atualmente à arte, ecologia e transformação social. Sua atuação envolve aulas, curadorias, palestras, publicações, workshops e exposições. Transita por pintura, desenho, instalação, vídeo, intervenções urbanas, artes gráficas e performances. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-1744-8595>>. E-mail: brigidacampbell@gmail.com

Tayana Müller Soares é graduanda na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É também bolsista na pesquisa *Ecologia Insurgente na Cidade Organismo*, do grupo *Imaginação Comum*. Como artista de origens e interesses múltiplos, se relaciona com as linguagens da pintura, escultura e da moda, investigando questões ambientais, partindo do próprio corpo em diversos suportes. Apresentou exposições individuais e coletivas, como *Onirismo em Fluxo* (Galeria EBA-UFMG; participou de Salão de Jataí e Salão das Artes/CCBB-BH). ORCID: <<https://orcid.org/0009-0004-0190-026X>>. E-mail: taty.mss.2001@gmail.com

Recebido em: 8/5/2025

Aprovado em: 9/10/2025